

CAPÍTULO 8

MEMÓRIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: UM ESTUDO DA ILHA DOS MARINHEIROS, RIO GRANDE, RS

Tatiane de Oliveira Martins
Claudio Renato Moraes da Silva

RESUMO

A memória é construída coletivamente, pode ser constituída de acontecimentos, personagens, pessoas e lugares, é um acervo vivo em constante construção, a partir dela podem ser contadas as histórias das mais variadas culturas através da oralidade. O estudo do presente trabalho tem como objetivo ouvir as falas dos moradores da Ilha dos Marinheiros no município do Rio Grande, RS e tratar essas memórias como fonte de informação; como objetivos específicos buscou-se coletar, por meio da oralidade, informações acerca dos costumes, das tradições, dos valores, das crenças e dos saberes; identificar o que sabem os moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS e que constitui sua origem e raízes e representar e apresentar essas memórias recuperadas como fontes de informação. A metodologia utilizada foi a técnica da história oral, a pesquisa é de cunho qualitativo, foram entrevistados os moradores que a mais tempo moram na localidade da ilha. Ao final do estudo as memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros revelam que podem sim, serem usadas como fonte de informação, e essa conclusão é construída pela grande diversidade cultural que a comunidade apresenta herdada dos colonizadores que colonizaram o local.

PALAVRAS-CHAVE: Ilha dos Marinheiros. Rio Grande. RS. Memórias. Fonte de Informação. História Oral.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente uma infinidade de fontes de informação, como por exemplo, desenhos, pinturas, documentos impressos, documentos eletrônicos, jornais eletrônicos, jornais impressos, repositórios institucionais, entre outros, ou seja, tudo aquilo que é capaz de transmitir qualquer tipo de informação deve ser considerado uma fonte de informação.

A memória de um povo representa um papel importante dentro das fontes de informação contribuindo para a construção do conhecimento social de uma comunidade

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém (LE GOFF, 2003, p. 152).

Levando em consideração a relevância do tema memória como fonte de informação, este trabalho visa investigar a memória como fonte de informação, para isso utilizará como objeto de estudo a memória dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS. De acordo com Azevedo (2003), a Ilha dos Marinheiros é considerada patrimônio histórico da cidade do Rio Grande, RS podendo ser vista como a ilha mais importante da Região Sul do estado do Rio

Grande do Sul, devido as suas riquezas naturais, e por ainda preservar valores culturais açorianos, povo português que chega na região e vai dar início a povoação da cidade mais antiga do estado, Rio Grande, RS (em 19 de fevereiro de 2023 completou 286 anos – 1737-2023).

Partindo das premissas que a localidade apresenta uma riquíssima história cultural oriunda da colonização portuguesa e que seus moradores possuem memórias que seriam importantíssimas para serem utilizadas como fontes de informações históricas, de pessoas e de pesquisas.

Essa pesquisa qualitativa, não se preocupa com contagens numéricas e sim em entender e interpretar seu objetivo de pesquisa, no caso o público pesquisado e o universo da pesquisa. A metodologia utilizada foi a de história oral, também compreendida como técnica a história oral permite contar memórias e transcrever memórias+lembranças+sentimentos, com isso essa mescla revela a fidedignidade dos participantes. Foram realizadas entrevistas com moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS que aceitaram participar do estudo, foram feitas perguntas abertas, orientadas por um roteiro livre.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção, para melhor entendimento do que se pretende investigar, serão abordados temas referentes à história da Ilha dos Marinheiros, conceitos a respeito da memória, memória social e fontes de informação.

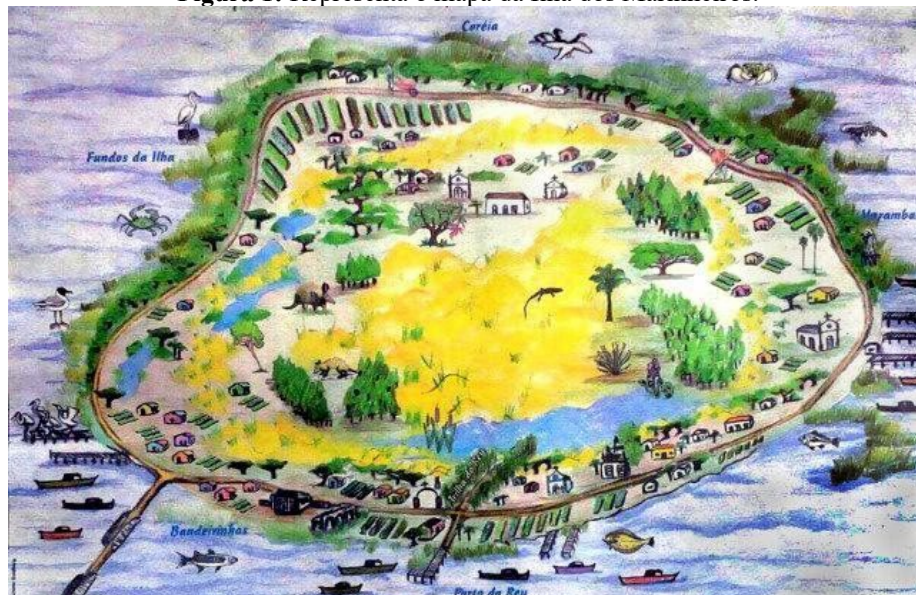
2.1 História da Ilha dos Marinheiros

De acordo com Vasconcellos e Kalikoski (2013), a ilha dos Marinheiros está localizada às margens da lagoa dos patos, possui uma área de cerca 10.000k, é reconhecida como a maior lagoa do tipo estrangulamento do mundo.

A localidade teve papel importante na colonização da cidade do Rio Grande, RS, os marinheiros portugueses iam até o local em busca de madeira e água para abastecer a cidade, por este motivo a ilha recebeu o nome de Ilha dos Marinheiros. O local também serviu como presídio para militares indisciplinados como explica Maciel (2000) “tratando-se na época de um lugar de difícil acesso, foi utilizada como presídio para lá eram enviados a título de punição, os soldados que não mantinham um padrão disciplinar” (MACIEL, 2000, p. 4). De acordo com Ruivo (1994), A Ilha dos Marinheiros foi reconhecida como parte da cidade do Rio Grande em 1737.

No ponto de vista histórico destaca-se, segundo Azevedo (2003), a existência de um quilombo no local que recebeu o nome de negro Lucas anterior ao ano de 1883, o grande plantio de milho, feijão, uva e produção de vinho colonial. No ano de 1845 a ilha recebeu a ilustre visita de Dom Pedro II que foi até o local para conhecer onde vinha os alimentos que abasteciam a cidade do Rio Grande, RS.

Figura 1: Representa o mapa da Ilha dos Marinheiros.



Fonte: Ride brasil (2020).

As principais atividades econômicas da Ilha dos Marinheiros são a pesca artesanal e a agricultura familiar. A produção é escoada em sua grande maioria por embarcações, que levam os produtos pela lagoa dos patos até o centro do Rio Grande, RS para serem comercializados no mercado municipal ou hortifrutigranjeiro, no passado a ilha era responsável por abastecer todo o comércio do município, atualmente é responsável aproximadamente por 80% das hortaliças consumidas pela cidade do Rio Grande.

Para o escoamento da produção comerciável, os moradores fazem a travessia de barco para a venda direta no mercado hortigranjeiro do município que gera uma demanda maior de tempo de trabalho no processo. em alguns casos a venda é feita atrás de atravessadores que buscam a mercadoria diretamente na ilha, com diminuição no preço em relação ao obtido nas vendas diretas (MENDES, 2019, p. 42).

No que diz respeito à organização territorial, a Ilha dos Marinheiros é dividida em cinco sub-localidades. São elas a localidade do Porto Rei, Bandeirinhas, Fundos, Coreia e Marambaia. De acordo com o último censo demográfico feito pelo IBGE no ano de 2010 a Ilha possui 1.259 habitantes, tendo em vista que nos últimos anos a ilha vem recebendo bastante destaque por suas belezas naturais e sua rica cultura e passar a fazer parte do circuito turístico e gastronômico da cidade do Rio Grande.

2.2 Tecendo Memórias

A memória é a capacidade de armazenar informações do passado e transmiti-las para outras pessoas através da música, contação oral, imagens, textos entre outros. Pollak (1989, p. 3-15), conceitua memória como uma atividade coletiva dos acontecimentos e das suas interpretações daquilo que é vivenciado e daquilo que é esquecido, segundo o autor a memória é constituída de acontecimentos, personagens, pessoas e lugares.

Estas memórias podem ser vividas individualmente ou coletivamente. Júlio Pimentel Pinto (1998, p. 93), afirma que “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (PINTO, 1998, p. 307). Já para. Para Marilena Chauí (1995, p. 74) a memória é “ uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125).

Pierre Nora (1993, p. 103), conceitua a memória como sendo vida, carregada como grupos vivos, neste caso está em constante evolução, em conflito entre as lembranças e o esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. Connerton (1993, p. 26), afirma a existência de três tipos de memória: a individual, a cognitiva e a memória-hábito.

A memória individual é aquela lembrada por um indivíduo e diz respeito às suas próprias experiências vividas, apresenta aspectos do grupo social no qual ele se formou. Segundo o autor, a memória pessoal se refere aos atos de recordação que tomam como objeto a história de vida de cada um. Este tipo de memória oferece um autoconhecimento que revela a concepção do próprio caráter e potencialidade, é determinada pelas ações passadas. A cognitiva se refere a utilização do verbo recordar, para existir este tipo de memória, o conhecimento precisa da ocorrência anterior de um estado pessoal cognitivo ou sensorial, e por último a memória-hábito, que é a capacidade reproduzir uma determinada ação, este modo de recordar tem suas origens no hábito. Para o autor, as imagens e o conhecimento do passado são conservados e transmitidos como memórias, através de cerimônias comemorativas e práticas cotidianas.

2.3 Memória social

A memória seria a capacidade de armazenar e adquirir informações, a memória social é a coletivização deste ato. Como afirma o sociólogo Maurice Halbwachs (1990, p. 85), a memória social é a essência do conhecimento e culturalmente conhecido por determinado grupo balizado por um determinado contexto. Segundo Rousso (1992, p. 94), memória é:

Uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fatos uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs (ROUSSO, 1992, p. 262).

Esse pensamento de Rousso (1992) complementa a ideia de memória coletiva de Bossi (1994, p. 408), quando diz que “ uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo”. ou seja a memória coletiva é aquela que foi vivida por um indivíduo ou foi repassada a ele, esta informação diz respeito uma comunidade ou grupo, com o passar do tempo aquela informação vai tornando-se patrimônio daquela comunidade, essas histórias vão sendo passadas para as próximas gerações, constituindo-se dessa forma a história oral daquele povo, como é apontado por Simon a memória coletiva:

É formada por fatos e aspectos julgados importantes e que são guardados como a memória oficial da sociedade mais ampla. Se expressa no que chamamos de lugares da memória. Eles são os memoriais, os monumentos mais importantes, os hinos oficiais, quadros célebres, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade (SIMSON, 2003, p. 304).

Com essa definição os lugares de memória, conceito surgido com o historiador Pierre Nora (1993, p. 45) propõe que esse lugar de memória se constitui, a partir de três características que a constituem material - que são os físicos como jornais, museus, etc; o funcional - que garante, ao menos por hipótese, a cristalização da lembrança e, conseqüentemente, a transmissão e o simbólico - que nos remete a acontecimentos vividos por um grupo pequeno de pessoas, que muitas vezes não estão mais vivas, mas mesmo assim são significativas para aqueles que não participaram do acontecimento.

Esta contestação chama atenção para a memória social que de acordo com Fentress e Wickham (1992, p. 41):

Identifica um grupo, conferindo sentido ao seu passado e definindo as suas aspirações para o futuro. Ao fazê-lo, a memória social faz muitas vezes exigências factuais sobre acontecimentos passados. Por vezes, podemos confrontar estas exigências factuais com fontes documentais; outras, não podemos. Em ambos os casos, porém, a questão de nós considerarmos estas memórias historicamente verdadeiras revela-se muitas vezes menos importante do que a de eles considerarem verdadeiras as suas memórias. (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 41).

No que diz respeito a fontes documentais os autores citados acima acreditam na memória social como fonte de informação, desta forma a memória social pode ser considerada uma espécie de acervo onde ficam guardadas as vivências de uma população, seus hábitos e costumes, com a diferença de não estar documentado através de arquivos escritos mas sim na oralidade de seu povo.

Para Lozano (1998, p. 16) “a oralidade permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas.” o autor argumenta que a oralidade vem se tornando cada vez mais importante para estudos históricos.

Quadro 1: representa publicações com o tema memória como fonte de informação.

Título	Autor	Ano de publicação
Praça XV e suas representações: fonte de formação e memória da história de Florianópolis	LAURINDO, Kariane Regina; PORTO, Morena Pereira; UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha	2021
As músicas da Era Vargas e o registro da Memória Social sobre as eleições presidenciais	PASQUA, Cleonice Della; MASSONI, Luis Fernando Herbert; STUEBER, Ketlen	2019
O arquivo pessoal de José Simeão Leal como fonte de informação e memória	SANTANA, Renata Lopes de	2019
Memória e vanguarda da pesquisa em ciência da informação no Brasil: 45 anos da revista do Ibiict. Parte 1: Análise de Autores	ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro	2017
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE: casa da memória da sociedade Potiguar	SILVA, Igor Oliveira; MARTINS, Gracy Kelli	2018
MEMÓRIA E VANGUARDA DA PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: 45 ANOS DA REVISTA DO IBICT. PARTE 2: ANÁLISE TEMÁTICA	ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro	2018
Informação e memória: na trilha do arquivo pessoal	ELIAS, Josemar da Silva Junior; FERNANDES, Taíze Marques; CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz	2018
Modernidade, cientificidade e memória pela via da literatura: a informação na estrutura narrativa do Drácula, de Bram Stoker	MATOS, José Claudio Morelli	2018
MEMÓRIA AFRO- BRASILEIRA E INDÍGENA: PESQUISA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	SILVA, Francisco Sávio da; PAIVA, Eliane Bezerra	2018
O Arquivo Pessoal de Heliton Santana	SILVA, Valdir de Lima; ROSA, Maria Nilza Barbosa	2020
Fontes orais e sua relevância documental para as narrativas de memória nas organizações	CORTES, Vanderléa Nobrega de Azevedo; BARI, Valéria Aparecida; BELCHIOR, Cleide Aparecida Freires	2020
Cartas: um acervo de memória afetiva e histórica e a importância de sua preservação	HORTA, Nicole Marinho; DIAS, Débora de Almeida; CORDEIRO, Luciana Coutinho	2018
O Arquivo escolar como fonte histórica de informação: o caso do Colégio Estadual Barros Barreto – Salvador/Bahia	OLIVEIRA, Leidiane Rodrigues de; LESSA, Bruna	2022
A fotografia-documento e a importância de saberes especializados dos profissionais da informação para a memória	SANTOS, Alessandra de Souza; AZEVEDO, Dúnya Pinto	2021

O repositório institucional Memória possibilitando visibilidade das produções acadêmicas.	MARQUES, Ricardo Souza; CAVALCANTI, Vanessa; MARQUES, Clediane	2019
Exposição virtual em arquivos como fonte de informação sobre movimentos sindicais na Bahia	LESSA, Bruna; SOUZA, Raiane Pedreira de	2022
A relação entre a memória social e sociocognição: busca do contexto social na Organização do Conhecimento	CARMO, Juliana Rabelo do; KARPINSKI, Cezar; BRÄSCHER, Marisa	2018
Onde Quem Manda é o Freguês: Memórias e Representações Sobre o Nordeste nos Jingles das Casas José	MARINHO, Andrea Carla de Melo; NASCIMENTO, Francisco Arrais; BORBA, Vildeane da Rocha; MORIGI, Valdir Jose	2018
Museu histórico de Itajaí: lugar de educação e memória	IGNÁCIO, Carlos Eduardo; ARDIGO, Julibio David; UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha	2021
Aplicação do DCC e U para Curadoria de Objetos Culturais Digitais	SILVA, Faysa de Maria Oliveira e; SIEBRA, Sandra de Albuquerque	2018
A Coleção de Almanques da Família Carneiro Rezende: Documentos de Informação e Comunicação Popular Escrita	DOURADO, Stella; MARTELETO, Regina	2018
Cultura material como documento: as informações constantes nos artefatos religiosos da Jurema	ALMEIDA, Carla Maria; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier	2021
Séries e versões na documentação e preservação de performances em arte: Os Puxadores	CAETANO, Juliana Pereira Sales; OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes de	2020
Documentos produzidos pela pesquisa: uma análise dos instrumentos de gestão arquivística das Universidades Estaduais de São Paulo	GONÇALVES, Caio Fabio Moreira; BIZELLO, Maria Leandra	2021
Arquivo pessoal Afonso Pereira e estratégias de marketing	CARNEIRO, Daniela Maria da Silva; CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz; SILVA JUNIOR, Josemar Elias da; SILVA, Luiz Eduardo Ferreira	2020
Boas práticas do Repositório Institucional do IFRN: relato de experiência do campus Natal – Zona Norte	CAVALCANTI, Vanessa Oliveira de Macedo	2020

Fonte: Base de Dados em Ciência da informação – Brapci (2022).

Foi realizada uma busca por publicações que tratassem da memória como fonte informação, na Base de Dados em Ciência da informação - Brapci, foi utilizado o buscador de busca simples, onde foi pesquisado por memória como fonte de informação, usando o delimitador de buscas apenas por publicações entre os anos de 2018 a 2022 e a pesquisa por relevância. Foram recuperados 25 resultados referentes ao tema.

2.5 Fontes de informação

Fontes de informações são todas as publicações, ferramentas e recursos, que disponibilizam a informação que os usuários precisam. Atualmente estão disponíveis mais variados suportes como por exemplo periódicos científicos, um link de uma página na internet, áudio, fotografia, repositórios institucionais, bases de dados entre outros. De acordo com Oliveira e Ferreira (2009, p. 70) fontes de informação podem ser “ pessoas ou instituições que fornecem informações pertinentes a determinada área, fatores essenciais para se produzir conhecimento”, fontes de informações podem ser qualquer coisa que tenha a função de informar alguém dos mais variados assuntos. No campo da ciência, são elas que nos permitem ter acesso ao conhecimento a respeito de temas diversos e de interesse pessoal e coletivo, nos permitindo encontrar referências que nos ajudem a ter um embasamento teórico acerca do objeto estudado ou pesquisado. Existem três tipos de fontes de informação, os primários, secundários e os terciários, como explica de forma simples Blatmann (2015).

As fontes primárias são aquelas que pertencem ao produto de informação elaborado pelo autor, por exemplo, artigos, livros, relatórios científicos, patentes, dissertações, teses. Diferencia-se de fontes secundárias que revelam a participação de um segundo autor, produtor como no caso das bibliografias, os dicionários e as enciclopédias, as publicações ou periódicos de indexação e resumos, os artigos de revisão, catálogos, entre outros. Enquanto as fontes terciárias podem ser mencionadas como as bibliografias, os catálogos de bibliotecas, diretórios, entre outros (BLATMANN, 2015, p. 01).

As fontes primárias, secundárias e terciárias, eram acessadas principalmente no formato impresso, principalmente a primária, porém com o surgimento de novas tecnologias e suportes, passou a se utilizar em sua grande maioria no formato eletrônico. Com essa mudança o acesso a informação se tornou mais democratizado permitindo com que mais pessoas tenham acesso, antes da internet o acesso a informação era limitado apenas a pessoas com maior poder aquisitivo tendo em vista que os livros e revistas impressos eram muito caros.

O acesso aos livros e as fontes de informações eram realizadas por pessoas que tinham capital, ou religiosos, pois a Igreja sempre foi uma instituição detentora de saberes, exatamente por reconhecer o poder da informação. Enfim, ao longo da história do homem os registros informacionais foram explicitados em suportes bem definidos (ARAÚJO, 2008, p. 111).

Outra fonte de informação que se destaca é a memória, apesar de não ser muito comentado pela ciência da informação a mesma pode sim ser considerada uma fonte de informacional das mais ricas, neste contexto as vivências populares se tornam acervos vivos, podendo ser contados através da oralidade como destaca Thompson (1992, p. 17), a história oral contribui para o resgate da memória, mostrando-se um método muito eficiente nos mais

variadas áreas do conhecimento, a memória de um pode ser a memória de muitos. Alberti (1989) complementa que:

[...] A história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, p. 4).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Método de pesquisa

O método utilizado neste trabalho de pesquisa científica foi história oral que busca a partir de narrativas estimuladas construir fontes de informação que contém a história em suas várias versões. Para embasar Meihy (2005) diz que é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem para a gravação.

um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como formade se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989. p. 34).

3.2 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, não se preocupa com contagens numéricas e sim em compreender e interpretar seu objeto de pesquisa, Minayo (2001) afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de muitos significados, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operação de variáveis.

A pesquisa qualitativa está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (POPE; MAYS, 2005, p. 217).

3.3 Universo de pesquisa

O universo desta pesquisa é composto pelos moradores mais antigos, do ponto de vista de anos que vivem na Ilha dos Marinheiros, ou seja aqueles que há mais tempo vivem aqui, o levantamento destas pessoas se deu da seguinte forma, a autora por ser moradora da Ilha dos Marinheiros a mais de vinte e oito anos tem conhecimento de quem são estes moradores e

como encontrá-los. Foram identificados sessenta e cinco moradores como sendo os mais antigos, todos eles têm acima de 73 anos e vivem na Ilha dos Marinheiros desde que nasceram.

3.3 Coleta de dados

A primeira parte da coleta de dados, para o referencial teórico, foi feita através de livros, repositório institucional da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e a base de dados Brapci, e nesse estágio da pesquisa objetivou proporcionar esclarecimentos acerca da história da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS e as memória fontes de informação primária que transfigurou-se em outras memórias, igualmente como fontes de informação secundária e fontes para pesquisas. Para a segunda parte que continuou a coleta dos dados informacionais foi utilizado como instrumento de coleta as entrevistas, realizadas presencialmente com os moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS. As entrevistas foram realizadas através de visitas às residências desses moradores, individualmente e em algumas ocasiões em grupos (quando se proporcionava por eles próprios esses encontros), com perguntas abertas, orientadas por um roteiro aberto. É importante destacar que nesse período de COVID 19, todos os protocolos de cuidados sanitários foram tomados, como uso de máscaras e distanciamento. Foram ouvidos vinte e um moradores (21), entre os dias 04 e 29 de julho de 2021. Esta pesquisa é anônima, ou seja, a identidade dos participantes entrevistados foi preservada e foram identificados como ENTREVISTADO e numeração arábica crescente e sequencial.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após as entrevistas com os moradores selecionados para a pesquisa a Ilha dos Marinheiros revelou-se uma comunidade que possui importantes contribuições para a ciência da informação, para ser fonte de outras pesquisas. Por exemplo, o distrito foi colonizada a partir do século XVIII, pelos portugueses que vieram até a Ilha em busca de madeira, para a construção do Forte Jesus Maria e José, que ficava localizado na cidade do Rio Grande, RS, também era um importante fornecedor de água potável, até então o local era habitado por índios minuanos, charruas e guaranis, que viviam nessas terras. Nas entrevistas realizadas com os moradores houve relatos a existência de materiais que comprovam essa informação, em destaque a fala do Entrevistado 1. através dos relatos do morador da ilha desde o nascimento, “há alguns anos atrás era possível ver vestígios da presença dos indígenas nas terras onde ele vivia com seus pais na localidade da Coreia”.

Na chácara onde vivia com meus pais na localidade da correia, havia alguns vestígios que nos levava a crer que se tratava de materiais que pertenceram a índios que provavelmente viviam por ali, se tratava de alguns ossos e pedaços de potes feitos de barro, que podiam ser observados em um matagal próximo a praia. A história acabou

chegando até a Furg, e alguns estudantes vieram até a Ilha dos Marinheiros para pesquisar o que realmente se tratava, um tempo depois esses estudos confirmaram que realmente se tratava de utensílios indígenas (ENTREVISTADO 1, 2022).

A partir das informações oferecidas pela Entrevistada 2 (2022), outros habitantes que viveram na Ilha dos Marinheiros há alguns anos atrás foram os escravos, que provavelmente eram trazidos até aqui para trabalharem na preparação das terras para o cultivo, tendo em vista que até então as terras eram cruas não tinham recebido nenhum tipo de preparo para receber as plantas, não haviam os canteiros onde são semeadas as sementes e plantadas as mudas, e muito menos os chamados valos que são uma espécie de valeta, que são primordiais para o escoamento da água, como também para armazenar a água para fazer a rega das plantações, que são utilizadas para estes fins até os dias de hoje.

A Entrevistada 2 (2022) contou que quando seu pai comprou a propriedade da família, havia um galpão antigo que ficava nos fundos do terreno, e dentro desta construção possuía correntes enferrujadas que ficavam penduradas, se tratava das correntes que eram utilizadas para torturar os escravos que se rebelavam contra os desmandos de seus senhores. Ela também nos informou sobre a existência de uma espécie de cemitério bem próximo de onde está localizado o salão comunitário São João Batista.

Se escavarmos do lado direito, paralelo ao salão comunitário São João Batista vamos encontrar várias ossadas humanas, uma vez um conhecido que usava uma chácara próxima estava escavando para construir uma valeta para escoar a água da chuva e encontrou um osso da tíbia, acreditamos que se tratava dos restos mortais de algum escravo da região, já que bem próximo ao local havia um casarão (ENTREVISTADA 2, 2022).

Ainda nos relatou que os antigos moradores da ilha, como seus pais, acreditavam que as telhas de barro que cobriam as casas antigas eram confeccionadas usando as coxas dos escravos como molde, ou seja, o barro fresco era colocado sobre a coxa dessas pessoas para ser moldado para ficar com aquele formato típico das telhas de barro antigas. Não há nenhum fato que comprove se essa crença é verdadeira ou é apenas uma lenda contada de geração a geração, no entanto, cabe aqui espaço para a fala do “empirismo”.

Figura 2: Ilustra a construção que deu início à capela de São João Batista.



Fonte: Arquivo pessoal da Entrevistada 2 (1961).

Este casarão citado pela Entrevistada 2 (2022), pertencia à sobrinha de Bento Gonçalves da Silva que viveu na Ilha dos Marinheiros, esta construção é do ano 1855, ficava localizada na localidade que hoje é denominada como Porto do Rei. Naquela época a capela fazia parte da casa onde moravam Sylvia Centeno Xavier que era professora e seu Marido, ou seja, a igreja era conectada com a residência. Quando seu marido faleceu, Sylvia o sepultou no altar da capela, anos mais tarde o corpo foi retirado e sepultado no cemitério catalico da cidade do Rio Grande em uma sepultura que é uma réplica da capela. A propriedade foi vendida para o pai da Entrevistada 2 (2022), que doou a igreja para a comunidade que se tornou comunidade São João Batista; esta capela acabou recebendo a visita de Dom Pedro II que desembarcou no local dando origem ao nome da localidade – Porto Rei.

A Entrevistada 3 (2022) nos informou que há muitos anos existia na Ilha dos Marinheiros um sobrado que era considerado a mais bonita construção feita na ilha dos marinheiros, ele era todo decorado com azulejos portugueses pintados a mão, buscou resgatar fotografias para retratá-lo, mas não obteve sucesso.

Viviam na Ilha dos Marinheiros o Barão de Vila Isabel e sua esposa que se chamava Isabel não lembro o sobrenome dela, o Barão resolveu construir em homenagem a ela a mais linda construção feita na Ilha, infelizmente o Barão perdeu a esposa logo em seguida (ENTREVISTADA 3, 2022).

Figura 5: Representa uma casa centenária na Ilha dos Marinheiros.



Fonte: Autoria própria (2022).

A ENTREVISTADA 4 (2022) em seu depoimento disse um pouco da história desta casa, que está na família a algumas gerações, a propriedade pertencia da Família Esgueira que era a maior produtora de frutas da Ilha dos Marinheiros, e é a única residência centenária, que ainda está em pé e habitada na Ilha dos Marinheiros. Como nos conta a ENTREVISTADA 4.

A nossa casa, não sei ao certo quantos anos ela possui é bem mais de cem anos, ela é tombada pelo patrimônio histórico da Cidade do Rio Grande, sempre que é necessário fazer alguma reforma precisa se manter como era originalmente, não se pode modificar nada, inclusive a um tempo atrás fizemos uma reforma no galpão que também tem mais de cem anos, e recebemos uma multa por não poder ser modificado, como naquela época não sabíamos disso acabamos tirando uma parte dele e fazendo menor (ENTREVISTADA 4, 2022).

Através das falas dos entrevistados e das imagens fornecidas, vai redesenhando-se a arquitetura da Ilha dos Marinheiros, visualmente rica em propriedades e detalhes. Ainda tímida na rota do turismo local e estadual, esse patrimônio tem vasto potencial a ser explorado, desde os aspectos da própria memória e da história local, incluindo-se a flora, exuberantes riquezas naturais, culturas de pesca e agricultura, ainda oferece curiosa arquitetura e engenharia das construções da época.

De acordo com a Entrevistada 5 (2022), como a décadas atrás não existia uma ligação a seco entre a Ilha dos Marinheiros e a Cidade do Rio Grande, restando a única alternativa possível para chegar até as celebrações religiosas e festas em geral era usando embarcações marítimas. Em uma dessas ocasiões de acordo com Entrevistada 5 (2022), um desses barcos acabou virando e naufragando após ser atingido por uma forte tempestade de verão, esse acidente aconteceu no canal que é uma parte da Laguna dos Patos que possui uma grande profundidade, na época, infelizmente algumas pessoas acabaram indo a óbito.

Uma das crenças mais fortes presente na Ilha dos Marinheiros é a das benzeduras, rezas feitas por homens e mulheres para curar uma enfermidade, como cobreiro de aranha ou de sapo,

quebranto, principalmente em crianças, uma torção em algum nervo do corpo, erisipela, bronquite, entre outros. Existem rezas até mesmo para recuperar um pertence perdido ou roubado, se pede para rezar um responso para Santo Antônio, e acreditam que com essa reza, faria com que quem por ventura ou descuido esteja com o objeto se arrependa e o devolva.

De acordo com as falas da Entrevistada 6 (2022) a grande maioria dessas benzeduras são realizadas por pessoas de idade bastante avançada, desta forma, muitas dessas benzeduras estão sendo perdidas com o falecimento destas pessoas. Essa Entrevistada 6, (2022) explica como é realizada a benzedura de mal jeito, umas das mais utilizadas pelos moradores da Ilha, ela nos informou que aprendeu essa reza com a senhora “Nair” que antes de falecer lhe ensinou como proceder para realizar a benzedeira.

Para fazer a benzedura de mal jeito é preciso de uma agulha, um pano de cor preta e linha da mesma cor, primeiramente se reza três Ave Marias e três Pai nossos, logo após se diz Deus adiante paz me guia que eu benzo nervorendido e carne quebrada eu benzo em nome de Deus e da virgem Maria repetir três vezes, e repetir as avês marias e pai nosso. Enquanto vai falando, é preciso ir costurando o pano! (ENTREVISTADA 6, 2022).

Outra benzedura bem comum na comunidade da Ilha dos Marinheiros é a de Quebranto, que a Entrevistada 5 (2022) explica como funciona, ela é feita principalmente em crianças, mas também é feita em adultos.

Falasse o nome da pessoa que vai ser benzida, e depois diga, te benzo de quebranto, mal olhado, te botaram que os tire. Se repete estas palavras seis vezes e finaliza dizendo, em nome de Deus e da virgem Maria, amém. o ideal é que essa reza seja feita com um galho de arruda ou alecrim, que são passados na frente do Rosto da pessoa que está sendo benzida sem tocada (ENTREVISTADA 5, 2022).

Segundo a Entrevistada 7 (2022) existe outro tipo de benzedura para quebranto, que ela aprendeu com uma vizinha já falecida, que acontece da seguinte forma.

se diz o nome da pessoa que precisa ser benzida, e se diz as seguintes palavras, alecrim nasce sem ser semeado com a virtude que deus te deu, sefor quebranto, mal olhado que saia em louvor da santíssima trindade. se reza uma ave Maria ao final da benzedura (ENTREVISTADA 7, 2022).

As melhorias da infraestrutura da Ilha dos Marinheiros começou por volta de 1970, como conta o Entrevistado 19 (2022):

Foi construída no estaleiro da localidade da Marambaia na Ilha dos Marinheiros uma balsa de madeira, que foi a prefeitura que mandou construir para que trouxesse as máquinas retroescavadeira e tratores de esteira para a Ilha, essa balsa era puxada por barcos, a estrada foi construída por um órgão do Governo de estado chamado, Semapa em parceria com a prefeitura, naquela época o Prefeito era Rubens Emil Corrêa. Uma vez a balsa estava carregando uma caçamba para Rio Grande, quando a balsa começou a encher de água e virou no caminho, no dia três de maio, aí teve que vir um guindaste para levantar o caminhão. A SEMAPA cedeu os maquinários e os funcionários e a Prefeitura entrou com o combustível e o transporte do maquinário de Rio Grande até a Ilha dos Marinheiros pela lagoa dos patos através dessa balsa. Logo após a conclusão

da estrada se notou que era necessário uma ligação a seco entre a Ilha dos Marinheiros e Rio Grande, desta forma foi feito um estudo de viabilidade para saber qual seria o local ideal onde o fundo da lagoa dos patos fosse mais firme para ser feita essa ligação, feito este estudo descobriu-se que era mais viável ligar a Ilha dos Marinheiros a Ilha dos Leonídio, A SEMAPA cedeu mais uma vez os engenheiros e um serviço de sondagem foi feito, onde se percebeu que a Lagoa dos Patos era muito mole no fundo. Logo que a sondagem foi feita e a profundidade que encontraram no fundo da lagoa firme era de dezessete metros de profundidade. Logo após o estudo começaram a tirar a areia das dunas da Ilha dos Marinheiros para fazer o aterramento do aterro, milhares e milhares de metros cúbicos de areia foram retirados das dunas, a ideia inicial era ligar as duas Ilhas apenas como aterro, até conseguiram mas a forte correnteza logo arrancou esse aterro, foi aí que os engenheiros perceberam que seria necessário a construção de uma ponte. Depois da construção da ponte devido as fortes correntezas ficou um vão aberto entre a ponte e o aterro de mais de 200 metros, onde foi colocada uma balsa que a prefeitura comprou em Santa Isabel uma cidade próxima a Pelotas, está balsa ficou fazendo a travessia entre a Ilha dos Marinheiros e a Ilha do Leonídio. Essa balsa ficou por vários anos fazendo a travessia de veículos, só que tinha um problema com o tempo ou quando a água da Lagoa dos Patos estava baixa a travessia ficava impossibilitada de acontecer. No período da noite também não era realizada a travessia. Outro problema era que quando ela estragava quanto não era consertada não tinha outra para fazer a substituição, algumas vezes o exército disponibiliza uma balsa pequena enquanto a da prefeitura estava em manutenção. A prefeitura era cobrada uma espécie de pedágio para fazer a travessia (ENTREVISTADO 19, 2022).

Com a fala do Entrevistado 19 (2022), revela-se o quanto precária era a mobilidade dos moradores da Ilha dos Marinheiros nessa época, sequer existia uma estrada propriamente dita, havia apenas caminhos por onde os moradores caminhavam, andavam de bicicleta ou cavalo.

Com a construção da estrada de entorno da Ilha dos Marinheiros já era possível uma maior mobilidade, alguns moradores puderam comprar carros para ter uma melhor qualidade de vida. Após a construção do aterro e a instalação da balsa a vida dos Ilhéus começou a melhorar ainda mais, mesmo longe do ideal, estas pessoas poderiam se deslocar até Rio Grande para comercializar seus produtos em feiras, poderia entrar uma ambulância na Ilha caso alguém passasse mal, os turistas poderiam visitar a localidade, claro que tudo isso em horários limitados, já que a balsa não funcionava à noite, mas já era um grande avanço. Outro ponto importante a ser comentado é que para a construção do aterro não houve nenhum tipo de estudo de impacto ambiental, além disso foi retirada areia das dunas algo que é proibido por lei nos dias de hoje, por ser uma área de preservação permanente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho dessa pesquisa teve como objetivo geral investigar a memória como fonte de informação através dos moradores da Ilha dos Marinheiros, na cidade do Rio Grande no Sul do Rio Grande do Sul. Os objetivos específicos propostos foram o de identificar a memória dos moradores da Ilha dos Marinheiros; coletar através da memória dos moradores a própria história do lugar e dessa parte da história que conta sobre a cidade mais antiga do estado; retratar

tradições, religiosidades, crenças e saberes, apresentar e representar as memórias recuperadas como fontes de informação.

Após a análise e a interpretação das informações levantadas com essa pesquisa investigativa, fica claro que por meio da oralidade um acervo documental de falas que são informações, por si veio a construir-se, é fonte de informação para outras pesquisas que venham a investigar, por exemplo, sobre os tradicionais vinhos produzidos desde a cultura açoreana na ilha - a jeropiga, a culinária da Ilha dos Marinheiros, a rica arquitetura e engenharia em um contexto insular, das crenças, das benzeduras, das festas religiosas e os artesanatos locais, entre outras particularidades e singularidades desse lugar.

Perceber e reconhecer a grande importância que a Ilha dos Marinheiros possui como patrimônio natural, humano e da história para o Rio Grande do Sul e para o país aqui se traduz como a indicação de um objetivo, que não foi pretendido na estrutura desta pesquisa, mas que ao cabo, fez revelar a grandiosa importância desse lugar e desse povo acolhedor que guarda muitas histórias.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

ARAÚJO, E. **A Construção do livro: princípios da técnica de editoração**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR10520: Informação e documentos - Citações em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15287: Informação e Documentação - Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Informação e Documentação - Sumário. Rio de Janeiro, 2012.

AZEVEDO, A. L. M. **A ilha dos três Antônios**. Rio Grande: FURG, 2003.

BLATTMANN, U. **Fontes de Informação: Primárias, Secundárias e Terciárias**. 2015. Disponível em: <http://bib-ci.wikidot.com/fontes-primarias>. Acesso em: 29 nov, 2021. link: <http://bib-ci.wikidot.com/fontes-primarias>

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Portugal: Celta, 1993.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

FLORES, S. P. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira**. 1999. p. 140 Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269414>. Acesso em: nov. 2021. link: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Dissertacoes/disserta_181_200/Sergio_Flores_Pedroso.pdf

HALBWACHS, M. Espacio y memoria colectiva. **Estudios sobre las culturas contemporâneas**, v. 3, n. 9, pág. 11-40, 1990. disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. acesso 27 fev., 2023.

KALIKOSKI, D. C.; VASCONCELLOS, M. Estudo das condições técnicas, econômicas e ambientais da pesca de pequena escala no estuário da Lagoados Patos, Brasil: uma metodologia de avaliação. **FAO, Circular de Pesca e Aquicultura**, n. 1075, p. 201, 2013.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos e abusos da história oral**. 2.de. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACIEL, M. W. O Potencial Turístico da Ilha dos Marinheiros. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v.26, n. 1, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39718>. Acesso em: 11 maio, 2022.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de história**, n. 155, p. 191-203, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>. acesso 27 fev., 2023.

MENDES, A. B. **Diversificação de renda na pesca artesanal: um estudo na ilha dos marinheiros, Rio Grande, RS**. 2019. 107 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do

Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em geografia – PPGGeo, Rio Grande, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8634/Aline.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001

MOTTA, M. **Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito, 1795-1824**. São Paulo: Alameda, 2009.

NORA, P. **Entre Memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo. v.10. dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. acesso 27 fev., 2023. Disponível em : Acesso em 27 fev., 2023

OLIVEIRA, E. F. T.; FERREIRA, K. E. Fontes de informação on line em arquivologia: uma avaliação métrica. **Biblios**, Rio Grande, v.23, n.2, p. 69-76,2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1302>. Acesso em: 19 nov, 2021.

PEDROSO, S. F. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português e língua estrangeira**. Campinas: [s.n.], 1999. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Dissertacoes/disserta_181_200/Sergio_Flores_Pedroso.pdf. Acesso em 27 fev., 2023.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 118

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v.5. n.10. 1992. 76. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 27 fev., 2023.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v.2. n.3. 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em : 27 fev., 2023

ROUSSO, H. **A memória não é mais o que era**. IN: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Na segunda metade dos anos cinquenta. 4 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992, p. 93 -104.

RUIVO, J. C. V. Contribuição para a história da ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS. In: F. N. A.; TORRES, L.H. (org). **Temas de História do Rio Grandedo Sul**. Editora da FURG. Rio Grande/RS, 1994.

SIMSON, O. R. M.. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp**. Disponível em:<<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>. Acesso em: 22 nov, 2021. link: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57/63

THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ENTREVISTA CONCEDIDA

ENTREVISTADO 1. “vestígios da presença dos indígenas” [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 2. “outros habitantes que viveram na Ilha dos Marinheiros há alguns anos atrás foram os escravos”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 2. “a existência de uma espécie de cemitério bem próximo de onde está localizado o salão comunitário São João Batista”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 3. “existia na Ilha dos Marinheiros um sobrado que era considerado a mais bonita construção feita na ilha dos marinheiros”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 4. “a propriedade pertencia da Família Esgueira que era a maior produtora de frutas da Ilha dos Marinheiros, e é a única residência centenária, que ainda está em pé e habitada na Ilha dos Marinheiros”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 5. “celebrações religiosas e festas em geral era usando embarcações marítimas. Em uma dessas ocasiões um desses barcos acabou virando e naufragando após ser atingido por uma forte tempestade de verão, esse acidente aconteceu no canal que é uma parte da Laguna dos Patos que possui uma grande profundidade, na época, infelizmente algumas pessoas acabaram indo a óbito”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 5. “Outra benzedura bem comum na comunidade da Ilha dos Marinheiros é a de Quebranto”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 6. “uma das crenças mais fortes presente na Ilha dos Marinheiros é a das benzeduras”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADA 7. “existe outro tipo de benzedura para quebranto”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.

ENTREVISTADO 19. “As melhorias da infraestrutura da Ilha dos Marinheiros começou por volta de 1970”. [Entrevista concedida a] Tatiane Martins. Rio Grande, RS – Ilha dos Marinheiros, jan./março de 2022.